

Acerca da posição do adjetivo no sintagma nominal: variação e/ou mudança?

On adjective position in noun-phrases: variation and/or change?

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7iespec.42801>

Dinah Callou

Professora Emérita da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1A do CNPq.

E-mail: dcallou@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0050-6637>

Márcia Rumeu

Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da mesma instituição.

E-mail: marcia.rumeu@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9254-976X>

RESUMO

A proposta do trabalho é trazer uma contribuição ao estudo da alternância de posição pós/pré-nominal do adjetivo no sintagma nominal, a partir da análise de cartas pessoais oitocentistas e novecentistas, dando mais um passo no sentido de detectar o nível de produtividade da posição anteposta, fazendo uso de amostras de língua escrita *informal* de redatores brasileiros, originários de dois estados da região Sudeste do Brasil (RJ e MG). A origem dos missivistas, restrições de natureza sintático-semânticas, propriedades associativas e a hipótese de a posição do adjetivo à esquerda ou à direita do núcleo do SN corresponder a uma propriedade já definida no componente lexical do item são discutidas. A análise dos dados das cartas confirma a preferência pela posposição, não-categórica, a baixa frequência de itens variáveis, sem deixar de ter em mente o fato de, no decorrer dos séculos, alguns adjetivos perderem/assumirem o traço pré-nuclear [+PN] (público instrumento – século XIX / instrumento público – século XX; tribunal supremo – século XIX / supremo tribunal – século XX, em geral, em expressões cristalizadas da linguagem jurídica. A mudança e/ou fixação da posição do adjetivo no interior do sintagma nominal parece estar inserida no conjunto maior de mudanças de ordem no português brasileiro (PB).

Palavras-chave: Adjetivo. Sintagma nominal. Anteposição. Posposição. Variação. Mudança.

ABSTRACT

The aim of this paper is to present a contribution to the study of anteposition and postposition of adjectives in Portuguese noun phrases, based on private letters from 19th and 20th centuries, trying to take a step forward to the understanding of the level of productivity of anteposition of adjectives, making use of an informal written *corpus*. The letter writers are originally from two cities of Southern region of Brazil (Rio de Janeiro and Minas Gerais). Syntactic and semantic constraints and other variables such as each writer's origin, associative properties and the hypothesis of the adjective position be previously marked on the lexical component are discussed. The analysis confirms preference for non-categorical postposition, low frequency of variable items, bearing in mind the fact that, over time, some adjectives lose/acquire the feature [+PN] (público instrumento “*public instrument*” – 19th century / instrumento público “*instrument public*” – 20th century and Supremo tribunal “*supreme court*” – 20th century instead of tribunal Supremo “*court supreme*” – 19th century),

generally, in legal language crystalized expressions. The change and/or fixation of adjective position in noun phrase must be seen in a larger set of changes of Brazilian Portuguese.

Keywords: Adjective. Noun phrase. Anteposition. Postposition. Variation. Change.

Ordem do adjetivo em função adnominal: caracterização do fenômeno

No português brasileiro atual, a ordem dos constituintes em frases declarativas é variável, embora se enquadre, em geral, no padrão SVO (Sujeito Verbo Objeto). Tanto o sujeito quanto o objeto podem ser representados por um sintagma nominal (doravante SN), categoria sintática cuja estrutura lexical se apresenta diversificada em função do nome que lhe pode servir de núcleo. O fenômeno em foco é, especificamente, a variação da ordem dos elementos do SN, a saber, a possibilidade de o adjetivo poder ocupar tanto a posição pós-nominal, como a posição pré-nominal, questão que vem sendo analisada sob diversas perspectivas, ao longo da história da língua portuguesa. Se recuarmos no tempo, no proto-indo-europeu, segundo Lehmann (1974, p. 69), a anteposição seria mais frequente, mas, já no latim (HARRIS, 1978, p. 58), predominaria a posposição. Para Câmara Jr. (1972, p. 222), o princípio, retomado por Tarallo (1994, p. 148), que estaria em jogo seria o de o último elemento do enunciado possuir o maior valor informacional.

A gramática tradicional ressalta a estreita relação que existe entre um nome (termo determinado) e um adjetivo (termo determinante) e o fato de, em função adnominal, o adjetivo admitir variação de ordem, mas ocorrer com maior frequência depois do substantivo, principalmente se com valor objetivo ou denotativo (CUNHA, 1972; LAPA, 1968). Assim, em língua portuguesa, o SN admite, à sua esquerda, o domínio da determinação, através de artigos, possessivos, demonstrativos, quantificadores, dentre outros, e, à sua direita, o domínio da modificação, através de adjetivos na função de adjunto adnominal.

Nessa visão tradicional (CUNHA; CINTRA, 1985), o adjetivo adnominal posposto ao substantivo – posição não-marcada – denota valor objetivo (noite **escura**) e quando anteposto ao substantivo assume valor subjetivo (**bom** rapaz) – posição marcada. Os autores esclarecem ainda (op. cit. 259) que “[...] *nosso idioma não repugna a ORDEM chamada INVERSA, principalmente nas formas afetivas da linguagem, e que a anteposição de um termo é, de regra, uma forma de realçá-lo.*” Isso quer dizer que também a tradição gramatical reconhece a possibilidade de anteposição do adjetivo ao substantivo. Na *Gramática filosófica* de Jerônimo Soares Barbosa (1822), há referência ao fato de a posição anteposta e posposta estar relacionada ao tipo de adjetivo e poder ocorrer mudança de significado, a depender da posição que ocupa no SN.

[...] Não sucede assim com os adjetivos explicativos, e restrictivos. Aqueles podem-se pôr dantes ou depois, como *o brilhante sol*, e *o sol brilhante*; e estes sempre depois, como *o homem justo*, e não *o justo homem* [...] (op. cit., p. 141)

[...] Se digo porêm: *O rico homem*, faço entender que falo de um certo homem rico. O mesmo sucede, se digo: *O homem pobre*, ou *O pobre homem*. Tais são os caracteres notáveis, que distinguem os adjetivos explicativos dos restrictivos [...] (op. cit., p. 181)

A abordagem proposta por Mateus *et alii* (2003, p. 366) passa também pela análise distribucional dos adjetivos adnominais antepostos ou pospostos ao substantivo. Em contexto pós-nominal (*homem pobre*), a semântica do adjetivo é predicativa, especificadora, restritiva, ao passo que, em contexto pré-nominal (*pobre homem*), o adjetivo assume uma interpretação mais subjetiva ainda que haja adjetivos que possam ocorrer nas duas posições (pré-nominal e pós-nominal) sem alteração alguma na interpretação (*criança bonita ~ bonita criança*).

Neves (2000), em sua *Gramática de Usos do Português*, defende que a posição do adjetivo no SN está correlacionada às distintas subclasses dos adjetivos (*qualificadores* e *classificadores*). De um modo geral, os *qualificadores* podem vir antepostos (posição mais marcada, de maior subjetividade, mais produtivo nas obras literárias) ou pospostos ao substantivo, como se observa, respectivamente, nos sintagmas “*velha Inglaterra*” e “*pancada suave*” (NEVES, 2000, p. 201). Por outro lado (op.cit., p. 210-211), os adjetivos adnominais *classificadores* tendem a vir preferencialmente pospostos (dirigente *sindical*), ainda que possam evidenciar construções cristalizadas no PB (“*pátrio poder*” na sentença “*O pátrio poder era exercido pelo homem...*”).

Negrão, Muller, Nunes-Pemberton e Foltran (2008, p. 378), ao observarem os adjetivos, com base em amostras do *corpus* da *Gramática do Português Falado Culto no Brasil*, constataram a prevalência, em termos absolutos, da posposição (1034 ocorrências) em relação à anteposição (239 ocorrências) dos adjetivos adnominais. No que se refere aos adjetivos pospostos (457 itens diferentes na posposição), as autoras identificaram uma maior diversidade de itens lexicais com um baixo número de ocorrências para cada um deles (classe aberta), ao passo que os adjetivos antepostos (52 itens diferentes na anteposição) se mostraram com uma menor diversidade de itens lexicais com um maior número de ocorrências (classe fechada). As ordenações pré-nominal e pós-nominal não são livres, o que equivale a dizer que há adjetivos que só se mostram antepostos, outros que só ocorrem pospostos e há itens que podem ocorrer tanto antepostos, quanto pospostos, em alguns casos, com mudança no significado.

Autores como Malaca Casteleiro (1981) e Perini (1996) abordam a questão sob outro ângulo e levantam a hipótese de a ordenação do adjetivo em relação ao núcleo do SN representar um traço do próprio item lexical já estabelecido no léxico. Isso quer dizer que o léxico do português já armazenaria a informação de se tratar de um adjetivo positiva ou negativamente marcado em relação ao traço pré-nuclear [+/- PN], admitindo ser possível ainda a sua ordenação variável, sem alteração de significado, em alguns casos: partida *inesperada ~ inesperada* partida. O fato de o adjetivo adnominal poder

atuar anteposto [+PN] ou posposto [-PN] ao substantivo tem fomentado descrições analíticas diversas, muitas delas orientadas por princípios teóricos da sociolinguística variacionista.

Mais recentemente, Buda (2017) faz um apanhado geral da problemática que envolve a questão da ordem e da relação adjetivo/substantivo, tendo como ponto de partida a análise do tema em gramáticas contemporâneas. O autor faz uso de um *corpus* de linguagem literária e reconhece que a posição do adjetivo no sintagma nominal é uma questão ampla, em que atuam fatores de natureza diversa. Até hoje, o tema da ordem dos adjetivos está em aberto e não há uma abordagem integral da questão.

Estruturamos este texto em três seções, precedidas por considerações iniciais, voltadas para a caracterização do fenômeno em análise. Na seção 1, descrevemos alguns resultados relacionados à ordenação variável dos adjetivos no interior do SN, na perspectiva da teoria da variação e mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994), com controle de fatores de natureza sintática, semântica, discursiva. Na seção 2, voltamos o olhar para (i) a descrição das amostras de missivas históricas formadas por cartas cariocas e mineiras e (ii) para a metodologia de análise e hipótese principal. Na seção 3, passamos à descrição-analítica das possibilidades combinatórias dos adjetivos adnominais nas amostras históricas em análise e, chegamos a algumas sistematizações acerca da ordem variável desses adjetivos adnominais, nos séculos XIX e XX, a partir da comparação entre as produções escritas de um missivista carioca, *Carlos Aguiar*, no período de 1886 a 1907 (intervalo de 21 anos) e de um missivista mineiro, *João Pinheiro da Silva*, no período de 1868 a 1908 (intervalo de 40 anos).

1. O estatuto variável da ordenação dos adjetivos adnominais à luz da sociolinguística variacionista

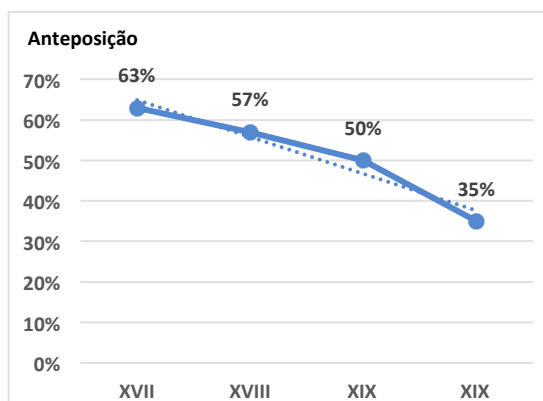
O movimento da língua portuguesa, em suas variedades europeia (PE) e brasileira (PB), tem sido na direção de um uso mais restrito do adjetivo adnominal à esquerda do núcleo do SN, como já discutido por Callou *et alii* (2003, p. 7); Serra (2005, p. 40); Silva (2006, p. 88) e muitos outros. Os dados parecem apontar para o fato de a anteposição do adjetivo no interior do SN ocorrer preferencialmente com adjetivos [+avaliativo], aspecto também assinalado pelos autores citados.

Com base na análise de amostras de documentos notariais (século XVII), cartas de comércio (século XVIII), anúncios, cartas de redatores e editoriais (séculos XIX e XX), foi detectada uma curva de mudança, com retração da anteposição do adjetivo adnominal (gráficos 1 e 2)¹, ao longo dos

¹ Não é possível confrontar o percentual de anteposição no XIX nos dois gráficos (1 e 2), uma vez que, no gráfico 1, os dados analisados são de quatro séculos (XVII, XVIII, XIX e XX), enquanto, no gráfico 2, a frequência de anteposição é relativa à análise de dois séculos do PB (XIX e XX, distribuídos por fases).

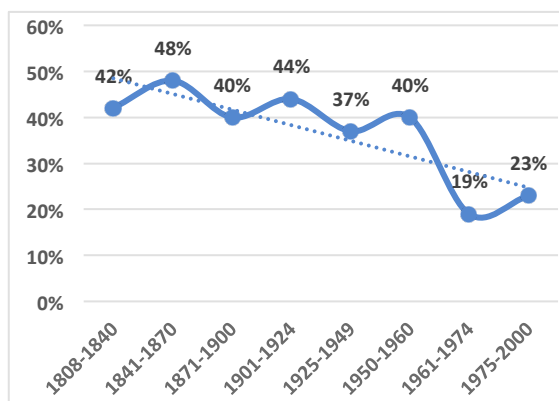
séculos. Essa dinâmica de declínio da anteposição, mais claramente identificada a partir da década de 20 do século XX (1925), dá-se com índices de produtividade que vão de 37% até alcançar 23% no final do século XX e início do século XXI (gráfico 2).

Gráfico 1 – Anteposição por séculos: do XVII ao XX



Fonte: Serra (2005, p. 50).

Gráfico 2 – Anteposição através dos sécs. XX e X



Fonte: Serra (2005, p. 50).

Ainda que a anteposição tenha se mostrado em declínio, no decorrer do tempo (gráficos 1 e 2), vale a pena voltar o foco para o fato de a natureza semântica dos adjetivos (tabela 1) ser um grupo de fatores que interfere na regra da anteposição. Com os índices percentuais de 66% e 53%, entendemos os avaliativos (“bons *commodos*”, “*bom quintal*” (exemplo 1), “*relativa facilidade* (2)”, “*maior relevância* (2)”) como contextos propícios à anteposição do adjetivo adnominal. Por outro lado, os descritivos, (“*agoa corrente*” (1)) parecem funcionar como um contexto inibidor da anteposição do adjetivo, tendo em vista os baixos índices percentuais de 12% e 4%, respectivamente, nos séculos XIX e XX, ainda que preferencialmente pospostos em 88% e 96% dos dados (“*consequencia exclusiva*” (3), “*fatores naturais*” (3), “*campos experimentais*” (3), “*aplausos irrestritos*” (3)), respectivamente. Os aspectos semânticos são abordados também por Serra (2005), Silva (2006), Buda (2017), nem sempre fazendo uso da mesma caracterização.

Tabela 1 – A anteposição e a posposição do Adjetivo de acordo com a sua semântica

	SÉCULO XIX-PB		SÉCULO XX-PB	
	AVALIATIVO	DESCRITIVO	AVALIATIVO	DESCRITIVO
ANTEPOSIÇÃO	66% (277/420)	12% (42/338)	53% (676/1281)	4% (29/655)
POSPOSIÇÃO	34% (143/420)	88% (296/338)	47% (605/1281)	96% (626/655)

Fonte: Retirado de Serra (2005, p. 45).

- (1) “Quem quizer alugar huma morada de cazas térreas na Cidade Nova, novas, e com **bons** commodos, e **bom** quintal, e agoa **corrente** para lavar roupa, fálle com o Coronel Antonio Alvares de Araujo, morador na Rua São Pedro, número 6”. (Gazeta do Rio de Janeiro/Anúncio/1812);
- (2) “Produção de Trigo. Na Conferencia dos Intervenores do Sul do país, será assunto de estudos o problema do trigo, cereal que pode ser produzido, com **relativa** facilidade, nos estados cujos governantes ora se reúnem na cidade de Porto Alegre. Para o Brasil, o assunto é da **maior** relevancia, dado o vulto de nossas aquisições de trigo. [...]”. (Jornal do Brasil/Editorial/Rio de Janeiro/1940);
- (3) “A produção brasileira desse cereal não excede a 170.000 toneladas por ano [...] Mas, na Argentina, o triunfo obtido na produção de trigo está longe de ser uma consequencia **exclusiva** de fatores **naturais**. [...] Reduz-se o problema a trabalhar scientificamente, sob a orientação de campos **experimentais**, sem esquecer os atestados da panificação. A ação do Governo está empenhada nesse programa, que deve merecer aplausos **irrestritos**”. (Jornal do Brasil/Editorial/Rio de Janeiro/1940).

2. As amostras de missivas históricas (cariocas e mineiras), metodologia e hipótese

Nesta análise, partimos das amostras de missivas manuscritas oitocentistas e novecentistas produzidas por dois escreventes, um nascido no Rio de Janeiro (1844) e, o outro, em Minas Gerais (Serro, 1860), amostras essas preservadas em acervos do Rio de Janeiro (Fundação Casa de Rui Barbosa) e de Minas Gerais (Arquivo Público Mineiro), respectivamente. O objetivo é detectar eventuais especificidades diatópicas no eixo Rio de Janeiro – Minas Gerais, em sincronias passadas, talvez motivadas por suas origens, sua atuação profissional e seus deslocamentos. Serão utilizadas o que denominamos *cartas de amizade* dirigidas a pessoas ilustres: no Rio de Janeiro, de Carlos Aguiar a Rui Barbosa; em Minas Gerais, de João Pinheiro a outras figuras ilustres, de maior ou menor intimidade com o remetente.

A amostra de cartas cariocas está composta por 24 cartas pessoais produzidas, entre 1886–1907, por Carlos Aguiar e endereçadas a Rui Barbosa (Excerto 1). Amigos de longa data, o primeiro, Militar e Jornalista, o segundo, figura de renome internacional – Vice-Presidente do primeiro governo republicano, Senador da República, jurista, entre outros títulos.

A amostra de cartas mineiras (Excerto 2) está constituída de um número maior de missivas, 43, confeccionadas por João Pinheiro da Silva. O escrevente é filho do italiano Giuseppe Pignataro – que, no Brasil, adotou o nome de José Pinheiro da Silva – e natural de Serro (LUZ, 2015), cidade mineira que teve origem num arraial fundado em 1701, centro da exploração de ouro na região. O primeiro nome da localidade, de que se tem notícia, foi “Arraial do Ribeirão das Minas de Santo Antônio do Bom Retiro do Serro do Frio”, em 1702, no ato de descoberta oficial. Depois, Vila do Príncipe, alterado para Serro pela lei provincial nº 93, de 06-03-1838 (fonte IBGE). Com uma arquitetura tipicamente colonial, Serro se localiza na região centro-nordeste de Minas Gerais, na Serra do Espinhaço, e fica a 230 km da localidade que hoje corresponde a Belo Horizonte.

João Pinheiro viveu alguns anos da sua infância no Rio de Janeiro (até o ano de 1870, ano do falecimento do seu pai), concluiu o curso o Ensino Superior na Faculdade de Direito de São Paulo e atuou, de um modo geral, como professor, advogado, político (Secretário de Estado de Minas Gerais, Ministro do Interior do Governo Provisório, Governador de Minas Gerais e Deputado) e industrial (dono da *fábrica de louças Cerâmica de Caeté*), conforme levantado por Luz (2015).

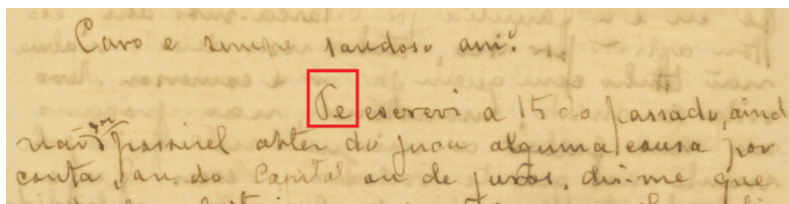
Excerto 1 – Trecho da carta de Carlos Aguiar
a Rui Barbosa

Excerto 2 – Trecho da carta de João Pinheiro
ao amigo Calógeras

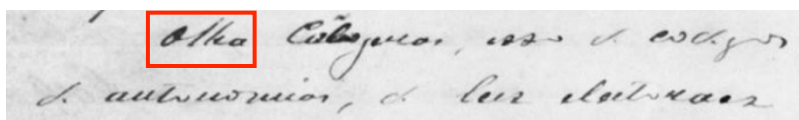
<p>Rio 1 de Dezembro 93 </p> <p>Caro e sempre saudoso amigo </p> <p>Te escrevi a 15 do passado, ainda não <↑foi> possivel obter do Juca alguma coisa por conta ou do Capital ou de juros, diz-me que nada tem feito, que a sua casa no Lavradio está fechada por falta de frequentadores, vive quasi sempre em Petropolis quer ver se foi alguma coisa lá, creio ser <i>muíto</i> dificil, pois alem das viagens <i>muíto</i> difcils a[,] maioria da gente que frequenta aquelle negocio está fóra, conversei com teo compadre sobre o meio de obrigal-o, aconselhou me que eu não fi[s]esse isto na situação em que nos acha mos, disse-me mais que agora não se protestavão letras, que fosse com bon modo, a vista da bôa vontade d’elle, porém eu que estou <i>muíto</i> e <i>muíto</i> encommodado com este negocio desejava ver isto terminado com bre= vidade, feli[s]mente soube hoje que o Carlito che= gava no dia 5, então resolvi esperal-o e com elle tomare-mos uma resolução definitiva. Não tenho tido noticias tuas e da familia ninguem me as dá, ou por não ter ou então porque não querem. Se não fosse as dificuldades em que estou em resolver os meos malfadados negocios graças ao meo cavalherismo e a minha bôa fé eu e a</p>	<p>Respondida. 28-2-05</p> <p>Calogeras</p> <p>Recebi o teu cartão d. para- bens e o resultado da eleiç[ão] no [<i>Piranga</i>], muito obrigado por tudo. [espaço] Mas o que mais me lisongeu foi a noticia d. que o Doutor Gorceix sahio bem impres- sionado da visita feita á fabrica. [espaço] A opinião d. um homem do valor delle, para quem tem trabalhado ás escuras, muito desconfiado e muito descon- tente dos processos d. puro [<i>impiris-</i>] [<i>mo</i>] que forão empregados – é o que pode haver d. mais profundamente consolador. [espaço] E me confirmou que os resultados na Europa se obtem pelo mesmo caminho, e eu a suppor que erão filhos da mais alta analyse sci[e]n tifica! [espaço] É uma opinião para mim do mais alto valor e ao mesmo tempo geradora de uma grande tranquilidade que eu agradeço de coração. Seguirei os conselhos delle para continuar a caminhar com lentidão para caminhar com segurança. [espaço] Esta política é um grande mal para a minha fabrica; in- felismente aqui está quase tudo dependendo d. minha direção pessoal a me custar quasi todas as horas disponiveis do dia. [espaço] Entretanto h[a] d. parecer um paradoxo que seja a fabrica que me-empurra com mais </p>
---	--

familia já ahi es= tou afflicto por isso, tenho um deserto n'alma não tenho com quem fallar e conversar, levo vida de múdo, monotóna, não procuro ver nem fallar a ninguem <i>muíto</i> principal- mente aos que te rodeavão, desses fujo [...] Dispoe do amigo do <i>Coração</i> C Carta n.2	violencia para a ingratião da lucta partidaria . [espaço] Por que? Muito simples. Fazer indus- tria nova , produsir, custa sacri- ficios inauditos , e, ainda há uma difficuldade superior a todas estas [...] [...] Amigo grato João Pinheiro Caethé 25-2-905 Carta n.37
---	---

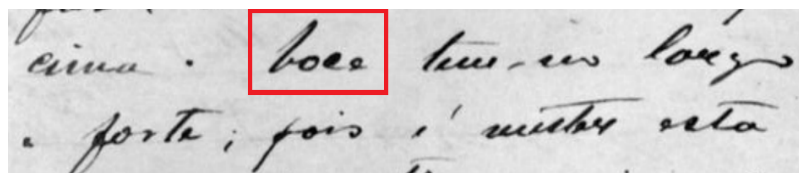
Com o intuito de ilustrar a riqueza, natureza e peculiaridade dessas amostras em análise, apontamos, nas imagens transcritas em (a) e (b), evidências de outros aspectos da norma de uso do PB atual, tais como, respectivamente, a preferência pela próclise inclusive em contexto de início de sentença (“*Te escrevi*”) e o uso da forma imperativa do paradigma de *tu* (“*olha*” (*tu*)) em contexto de *você-sujeito* (alternância *tu/você*).



- (a) “Caro e sempre saudoso amigo **Te** escrevi a 15 do passado, ainda não foi possível obter do Juca alguma coisa por conta ou do Capital ou de juros, diz-me que [...]” (CA. RJ, 01.12.1893)²;



[...]



- (b) “[...] **Olha**_i Calogeras, isso d. codigos d. autonomias, d. leis eleitoraes [...] **Voce**_i tem-no largo e forte; pois é mister esta [...]” (JP. Caeté, 25.02.1905)³.

² Fonte: Carmo, Barbosa e Lucena (2019).

³ Fonte: Luz (2015).

Foi registrado e analisado um total de 405 lexemas, 123 deles nas cartas cariocas (222 ocorrências) e 282 nas cartas mineiras (368 ocorrências). O intuito principal é o de descrever comparativamente as possibilidades de ordenação (anteposição e posposição) do adjetivo no SN, atentando também para a possibilidade de ordenação variável de adjetivos nas expressões escritas de redatores brasileiros (um do RJ e o outro de MG), entre fins do século XIX e início do século XX, cf. dados expostos de (4) a (7). O recuo temporal em questão está fundamentado também na hipótese de Tarallo (1993, p. 99) em relação ao fato de que “o cidadão brasileiro já estava de posse, ao final do século XIX, de sua própria língua/gramática.”

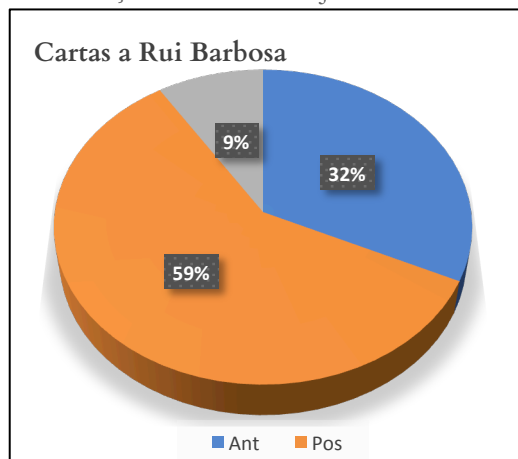
- (4) “[...] O procedimento desses para commigo é a mais **dura** decepção da minha carreira politica e o facto que mais decisivamente concorreu para o meu scepticismo, hoje absoluto, acerca do character dos homens publicos no Brasil”. (CA. 26.01.1895);
- (5) “[...] muitas cousas que te tenho escripto muitas são puras verdades, Filgueiras é teu amigo, o que elle quer é não perder o logar de Deputado, já lhe disse isto, e em relação a ti muitas cousas **duras** tenho lhe-dito [...]”. (CA. RJ, 05.03.1895);
- (6) “[...] E o meu character, retemperado assim em **duras** provas de quem traz um nome desconhecido, e que se-torna o creador de si proprio, privado até de lembrar-se de seus paes sem muita dor...”. (JP. SP, 8.6.1884);
- (7) “[...] É melhor a verdade **dura** das cousas. [...]” (JP. sl, sd).

Nesse sentido, o objetivo é delinear, embora com base em um número restrito de dados, o nível de produtividade da anteposição nas produções de redatores brasileiros nascidos em distintos espaços do sudeste (RJ e MG) e se tal fato interferiria ou não nas possibilidades de ordenação dos adjetivos adnominais. Nesse sentido, conjecturamos a hipótese de o adjetivo poder estar à esquerda ou à direita do núcleo do SN como uma propriedade do vocábulo definida no componente lexical do item (MALACA CASTELEIRO, 1981; PERINI, 1996). Isso corresponderia a dizer que as posições pré-nuclear ou pós-nuclear [+/-PN] já estariam configuradas no léxico do português, independente da atuação dos contextos sintático e/ou semântico-discursivo como propulsores dessas possibilidades variáveis de expressão do adjetivo adnominal.

3. As possibilidades combinatórias dos adjetivos adnominais: resultados anteriores

Callou e Batista (2011) levantaram, em dezessete cartas de homens ilustres a Rui Barbosa, produzidas entre 1866 e 1899, 196 adjetivos adnominais (gráfico 3), sendo 59% pospostos (116/196), 32% antepostos (62/196) e, em tão somente 9%, as autoras observaram a possibilidade de alternância na ordem (anteposição/posposição), circunscrita a 18 lexemas (**apertado, divina, elevado/a, firme, grave, indispensável, limitado/a, maior, melhor, nobre, notável, nova, principal, profunda, própria, pura, seguinte, sincera**), ilustrados em (8 e 9), (10 e 11) e (12 e 13). Afirmam as autoras que (i) a posição marcada do adjetivo à esquerda do SN é preenchida preferencialmente por um adjetivo [+avaliativo], com núcleo [-material], e mais *leve*, isto é, menor número de sílabas em relação ao substantivo e (ii) é possível mapear, na perspectiva da Gramática lexical (SINCLAIR, 1991, 2001), a quais substantivos alguns adjetivos, em posição adnominal variável, estariam associados: causa **nobre**, mas **nobre** qualidade; **firme** propósito, mas resolução **firme**. As autoras seguem, assim, os passos de Sinclair (2001), a partir de uma abordagem conjuntamente lexical e gramatical e tentam registrar também as propriedades associativas de itens lexicais adjetivos que ocorrem em posição adnominal, num *corpus* determinado.

Gráfico 3 – Distribuição da ordem dos adjetivos nas Cartas a Rui Barbosa



Fonte: Callou e Batista (2011, p. 229).

- (8) “[...] Aceita um **apertado** abraço do teu mestre e amigo do coração. [...]”. (A. Bahia, 02.04.1866);
- (9) “[...] Um abraço **apertado** do amigo grato. [...]”. (CA. RJ, 11.03.1895);
- (10) “[...] Onde se põe de lado a previdência, as cousas se passam de outro modo, porque tudo se espera da **divina** providencia. [...]”. (ALA. RJ, abril de 1889);

- (11) “[...] Não será entretanto a providencia sugestão da providencia **divina** e a imprevidência sugestão diabólica da desídia? [...]”. (ALA. RJ, abril de 1889);
- (12) “[...] Tenho ido a sua casa agora muitas vezes, isto é, a casa **nova**, esta a terminar-se, esta magnificamente bem pitada [...]”. (CA. RJ, 25.04.1894);
- (13) “[...] fui a dias ver tua **nova** casa as obras estão adiantadas ficão muito bem, brevemente te escreverei dando noticias mais circunstanciadas”. (CA. 15.11.1893).

Em sintonia com os resultados alcançados por Callou e Batista (2011) para as cartas de figuras ilustres a Rui Barbosa, a análise dos adjetivos adnominais referente apenas às de seu amigo particular Carlos (cartas cariocas), num período de 21 anos (1886 a 1907), evidencia, em termos absolutos (gráfico 4), que (i) a posposição (62/123, 51%) prevalece em relação à anteposição (52/123, 42%), ainda que em intensa variação e (ii) poucos são os adjetivos (08/123, 7%) que admitem a variação de ordenação (tabela 2). Nessas cartas cariocas, os dados de adjetivo adnominal correspondem a um total de 123 lexemas com 221 ocorrências dentre as quais 104 ocorrências são de anteposição, 73 de posposição e 44 de ordenação variável (quadro 1). Na mesma direção, seguem os resultados das cartas mineiras (gráfico 5) para os 282 lexemas, 429 ocorrências, 141 de anteposição, 227 de posposição e 61 de ordenação variável (quadro 2), chegando às seguintes constatações: (i) a prevalência da posposição, em 51% nas cartas cariocas e 63% nas cartas mineiras; (ii) a ordenação variável em tão somente 6% e 7% dos dados de lexemas adjetivais (tabela 2) e (iii) o espaço de variação pré/pós nominal é menor nas cartas cariocas que nas mineiras, o que pode ser indício de variação dialetal.

Todas as tabelas mostram posicionamentos variáveis nas cartas (cariocas e mineiras), mas não necessariamente dos mesmos adjetivos.

Tabela 2 – A ordenação dos lexemas adjetivais nas cartas cariocas (1886 a 1907) e mineiras (1868 a 1908)

POSIÇÃO DO ADJETIVO	CARTAS CARIOCAS	CARTAS MINEIRAS
ANTEPOSIÇÃO	52/123 (42%)	88/282 (31%)
POSPOSIÇÃO	62/123 (51%)	176/282 (63%)
ORDEM VARIÁVEL	09/123 (7%)	18/282 (6%)

Quadro 1 – Alternância de posição dos adjetivos adnominais nas cartas cariocas (1886 a 1907)

CARTAS CARIOCAS	
1. affectuoso amigo affectuosos cumprimentos affectuosas lembranças	amigo affectuoso cumprimentos affectuosos
2. boa amiga boa fé boa impressão boas referencias boas saudades bom caminho bons parentes bom passeio	solução boa
3. brilhante discurso brilhante posição	cousa brilhante
4. dura necessidade dura decepção	cousas duras
5. malfadados negócios	dia malfadado
6. nova casa novos climas nova directoria novos encomodos nova carga nova lei novas luctas	casa nova
7. sincera amisade sinceras felicitações	amiga sincera
8. ultima carta ultimas cartas ultimo empréstimo ultimos mezes ultimos momentos ultimas obras ultimo pacote	carta ultima eleição ultima
9. viva saudade	expressões vivas
9 lexemas variáveis (44 ocorrências)	

Quadro 2 – Alternância de posição dos adjetivos adnominais nas cartas mineiras (1868 a 1908).

CARTAS MINEIRAS	
1. actual exportação actuais condições	serviço congenere actual recursos actuaes
2. anterior recomendação	carta anterior correspondencia anterior combinação anterior

3. bom amigo bom coração bôa felicidade bom operário bom vestido bom tempo	companheiros bons
4. capital importância	ponto capital
5. completa ventura	lista completa
6. distinta referência	feições distintas
7. duras provas	verdade dura
8. enorme guerra enorme talento	difficuldades enormes
9. importante matéria	votação importante questão importantíssima
10. inteira reserva	verdade inteira
11. má fé	reputação má
12. melhores caminhos melhor lógica melhor cousa melhores companheiros	vida e sorte melhores efeito melhor
13. praticas vantagens	problema pratico
14. proprio trabalho propria fazenda	conta propria observações proprias
15. possiveis quebras	desgraça possivel intensidade possivel serviço possivel urgencia possivel
16. seria importância	viuvo serio
17. triste sorte triste verdade	assumptos tristes
18. velho amigo velha guarda	amigo velho amigo velho republicanos velhos guerra velha e injusta
18 lexemas variáveis (61 ocorrências)	

Quadro 3 – Os lexemas variáveis **bom** (boa) e **dura** nas amostras de cartas cariocas (1886 a 1907) e mineiras (1868 a 1908)

CARTAS CARIOCAS		CARTAS MINEIRAS	
bom amigo bom coração bôa felicidade bom operário bom vestido bom tempo	companheiros bons	boa amiga boa fé boa impressão boas referências boas saudades bom caminho bons parentes bom passeio	solução boa
duras provas	verdade dura	dura necessidade dura decepção	cousas duras

A comparação entre os lexemas das cartas cariocas e mineiras evidenciou que os adjetivos avaliativos **bom/boa(s)** e **dura(s)** são os únicos que se mostraram variáveis nas amostras das cartas em análise. Considerando especificamente a quantificação das ocorrências dos adjetivos adnominais cujo padrão de ordenação mostra-se variável (anteposto ou posposto), tanto nas cartas cariocas, quanto nas mineiras (tabela 3, gráficos 4 e 5), foi estabelecida uma correlação entre os dados de ordem variável e a natureza semântica dos adjetivos, a fim de observar se a natureza dos adjetivos controlaria a produtividade da posposição, padrão de ordenação que vem a ser a posição não-marcada não só no PB, mas também no PE (CALLOU *et alii*, 2003).

Gráfico 4 – Os lexemas adjetivais nas cartas cariocas

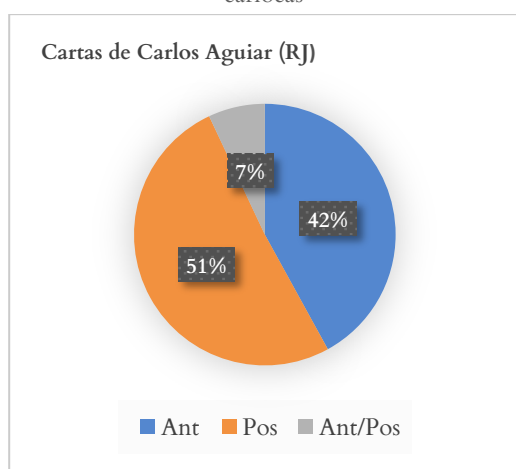


Gráfico 5 – Os lexemas adjetivais nas cartas mineiras

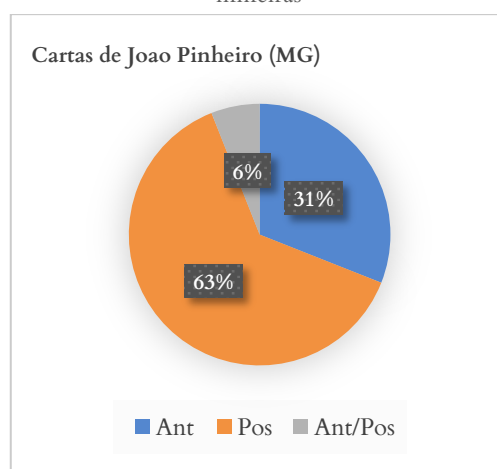


Tabela 3 – Ordenação do adjetivo em cartas cariocas e mineiras: posição no SN/natureza semântica

CARTAS	ANTEPOSIÇÃO		POSPOSIÇÃO	
	AVALIATIVO	DESCRITIVO	AVALIATIVO	DESCRITIVO
CARIOCAS	25/33 (56,82%)	8/33 (18,18%)	9/11 (20,45%)	2/11 (4,55%)
	33/44 (75%)		11/44 (25%)	
MINEIRAS	23/31 (37,70%)	8/31 (13,11%)	15/30 (24,59%)	15/30 (24,59%)
	31/61 (51%)		30/61 (49%)	

Nas cartas cariocas, só **nove** lexemas foram registrados em posição variável (**affectuoso, boa, brilhante, dura, malfadado, novo(a), sincera, último(a), viva**). A análise das 44 ocorrências desses itens, tendo em vista a sua natureza semântica, evidenciou que, nas cartas cariocas, há prevalência de

anteposição (75% *versus* 25%), tanto no caso dos adjetivos avaliativos, quanto descritivos (exemplos 14 e 15).

(14) “[...] **affectuosos** cumprimentos a *Excelentíssima* Senhora um abraço nas meninas e no João. [...]”. (CA. RJ, 19.11.1894);

(15) “[...] Cumprimentos **affectuosos** a Exma. Família [...] (CA. RJ, 25.06.1907)”.

Nas cartas mineiras, observamos que apenas dezoito lexemas adjetivais apresentam ordem variável: actual, anterior, bom, capital, completa, distinta, dura, enorme, inteira, importante, má, melhores, pratico, própria, possível, sério, triste, velho (exemplos 16 e 17). A alternância entre as ordens pré-nuclear (51%) e pós-nuclear (49%) é equilibrada e quando o adjetivo ocorre posposto já não é mais sensível à natureza semântica do adjetivo.

(16) “[...] muitas cousas d. detalhes que aos espíritos superficiaes parecem nada e que, entretanto, para o homem d. negocios e o industrial tem uma **seria** importância, tudo isto eu desejaria que você examinasse bem [...]”. (JPS. BH, 23.05.1908);

(17) “[...] A impressão que tenho é a d. viuvo **serio** em vespas d. noivado com uma dona d. reputação má, incerta, caprichosa e até bateadeira. [...]”. (JPS. Caeté, 24.12.1904).

Considerações finais

Nesta análise da ordem dos adjetivos no interior do SN, observamos sua variabilidade de posição, tendo em conta mais especificamente a semântica do adjetivo (avaliativo e/ou descritivo), sem deixar de lado um olhar, sob outro prisma, acerca da possibilidade de uso variável, uma vez que os adjetivos que alternam anteposição e posposição nem sempre estão associados a um mesmo núcleo, aspecto já detectado em trabalhos anteriores. Na amostra geral de Cartas a Rui Barbosa (CALLOU; BATISTA, 2011), por exemplo, apenas três adjetivos ocorrem com o mesmo núcleo: **apertado**, **divina**, **novo**; em textos jornalísticos (SERRA, 2005; SILVA, 2006), somente dois: **módico** e **superior**. O adjetivo **novo** foi o único registrado, em todas as amostras, em anteposição ou posposição, não necessariamente combinado ao mesmo núcleo.

Outras considerações já vieram à tona em trabalhos anteriores (SERRA, 2005; SILVA, 2006), tais como, a origem do adjetivo (nominal/participial), a dimensão (maior ou menor número de sílabas), a

natureza do núcleo (+/-material) e até aspectos prosódicos, que deveriam ser retomados em conjunto para um refinamento da análise.

É prematuro afirmar se a maior ou a menor frequência de posposição, nas cartas cariocas e mineiras, esteja associada (i) à origem dos escreventes e das suas respectivas histórias de vida: um, nascido e criado na cidade do Rio de Janeiro, com menor número de deslocamentos e possivelmente inserido em redes sociais menos difusas (*close - knit*, cf. BERGS, 2012), e, o outro, nascido em Minas Gerais (Serro), mas passando pelo Rio de Janeiro e por São Paulo, com muitos deslocamentos, em virtude de sua atividade política, e naturalmente inserido em redes sociais difusas (*loose - knit*, cf. BERGS, 2012); ou (ii) ao próprio item adjetival no interior do SN, em suma, se tem origem social ou linguística.

Em síntese, foi possível traçar algumas generalizações:

- (i) a retração da anteposição do adjetivo se traduz por uma aparente curva de mudança (gráficos 1 e 2), do século XVII até hoje, embora não se leve em conta, neste texto, características mais específicas do item adjetival e suas relações com o núcleo (adjetivo + substantivo);
- (ii) a posposição se intensificou no decorrer da 2ª metade do século XIX (1868) e início do século XX (1908), corroborando os resultados de Serra (2005, p. 50), Silva (2006, p. 96) e de muitos outros;
- (iii) a anteposição (75%) dos adjetivos, nos casos em que é possível haver variação de ordem, (tabela 3), ainda predomina, nas cartas de CA (Rio de Janeiro), independente da sua natureza semântica (avaliativo/descritivo); enquanto, nas cartas de JPS (Minas Gerais), a anteposição (51%) se iguala praticamente à posposição (49%);
- (iv) a preferência pela **posposição do adjetivo** no interior do SN parece estar correlacionada à consolidação da **anteposição do sujeito** ao verbo (ordem SVO), tema discutido por Tarallo (1994, p. 149), dentro de um conjunto maior de processos de mudança linguística.

A ampliação das amostras, na escrita e na fala, poderá permitir uma discussão mais abrangente e acurada da posição do adjetivo no SN – considerando não só aspectos morfossintáticos, mas também semântico-discursivos e peculiares ao gênero textual em que ocorrem, às combinações adjetivo/substantivo, às cristalizações – e, quem sabe, indicar se a aparente curva de mudança corresponde, na verdade, a uma variação multifacetada, controlada por fatores de toda natureza.

Referências bibliográficas

- BERGS, A. The Uniformitarian Principle and the Risk of Anachronisms in Language and Social History. *In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J.M.; CONDE-SILVESTRE, J.C. The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 80-98.
- BUĎA, J. A posição do adjetivo no sintagma nominal em português. *Études Romanes de BRNO* 38, Masaryk University Press, p. 1-10, 2017.
- CALLOU, D.; BATISTA, P. G. A questão da ordem: adjetivos em função adnominal. *In: CALLOU, D.; BARBOSA, A. A Norma Brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011. p. 219-236.
- CALLOU, D.; BACELAR DO NASCIMENTO, M. F.; SERRA, C. R.; BARBOSA, A.; AMARO, R.; PEREIRA, L. A. S.; MENDES, A.; VELOSO, R. A posição do adjetivo no sintagma nominal: duas perspectivas de análise. *In: BRANDÃO, S.; MOTA, M. A. (Org.). Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. p. 11-35.
- CALLOU, D.; SERRA, C. A variação na ordem dos adjetivos nos últimos quatro séculos. *In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO J. (orgs.). Português brasileiro. Contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003. p. 191-205.
- CÂMARA JR., J. M. *The Portuguese language*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.
- CARMO, L.; BARBOSA, A. G.; LUCENA, R. *Cartas entre compadres: Carlos Nunes de Aguiar e Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa (no prelo).
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.
- HARRIS, M. *The evolution of French Syntax*. London: Longman, 1978.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.
- LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.
- LEHMANN, W. *Proto-indo-european syntax*. Austin: University of Texas Press, 1974.
- LEHMANN, W. *Contemporary linguistics and Indo-european studies*. PMLA Cambridge University Press vol. 87, 5, p. 976-993, 1972.
- LUZ, R. D. *O Tratamento na Produção Epistolar de João Pinheiro da Silva: análise sociopragmática de TU x VOCÊ e respectivas formas gramaticais*. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem). Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015.
- MALACA CASTELEIRO, J. *Sintaxe Transformacional do Adjectivo*. Lisboa, INIC, 1981.

- MATEUS, M. H.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H. **Gramática da língua portuguesa**. 7ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, AS, 2003.
- MOURA NEVES, M. H. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.
- NEGRÃO, E. V.; MULLER, A. L.; NUNES-PEMBERTON, G.; FOLTRAN, M. J. O adjetivo. *In*: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Orgs.) **Gramática do Português Falado Culto no Brasil: classes de palavras e processos de construção**. Volume 2. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2008. p. 371-396.
- MOURA NEVES, M. H. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1996.
- SALES, S; CALLOU, D.; SERRA, C. A ordem dos adjetivos em textos jornalísticos. *In*: MOLLICA, C.; RONCARATI, C. (orgs.) **Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN 2003**. UFF/CEG. Publicação digital.
- SERRA, C. **A ordem dos adjetivos no percurso histórico: variação e prosódia**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- SILVA, S. S. **A ordem dos adjetivos no discurso midiático: séculos XIX e XX**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- SINCLAIR, J. **Corpus, Concordance, Collocation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- SINCLAIR, J. Lexical Grammar. **Meijerbergs ARKIV**, 27, Göteborg, 2001.
- SOARES BARBOSA, J. **Grammatica philosophica da lingua portuguesa**. Lisboa: Academia de Sciencias, 1822.
- TARALLO, F. **Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1994.
- TARALLO, F. Diagnosticando uma Gramática Brasileira: o Português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. *In*: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.). 2ª ed. **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996. p. 69-106.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. *In*: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Orgs.) **Directions for historical linguistics**. University of Texas Press. 1968. p. 95-195.